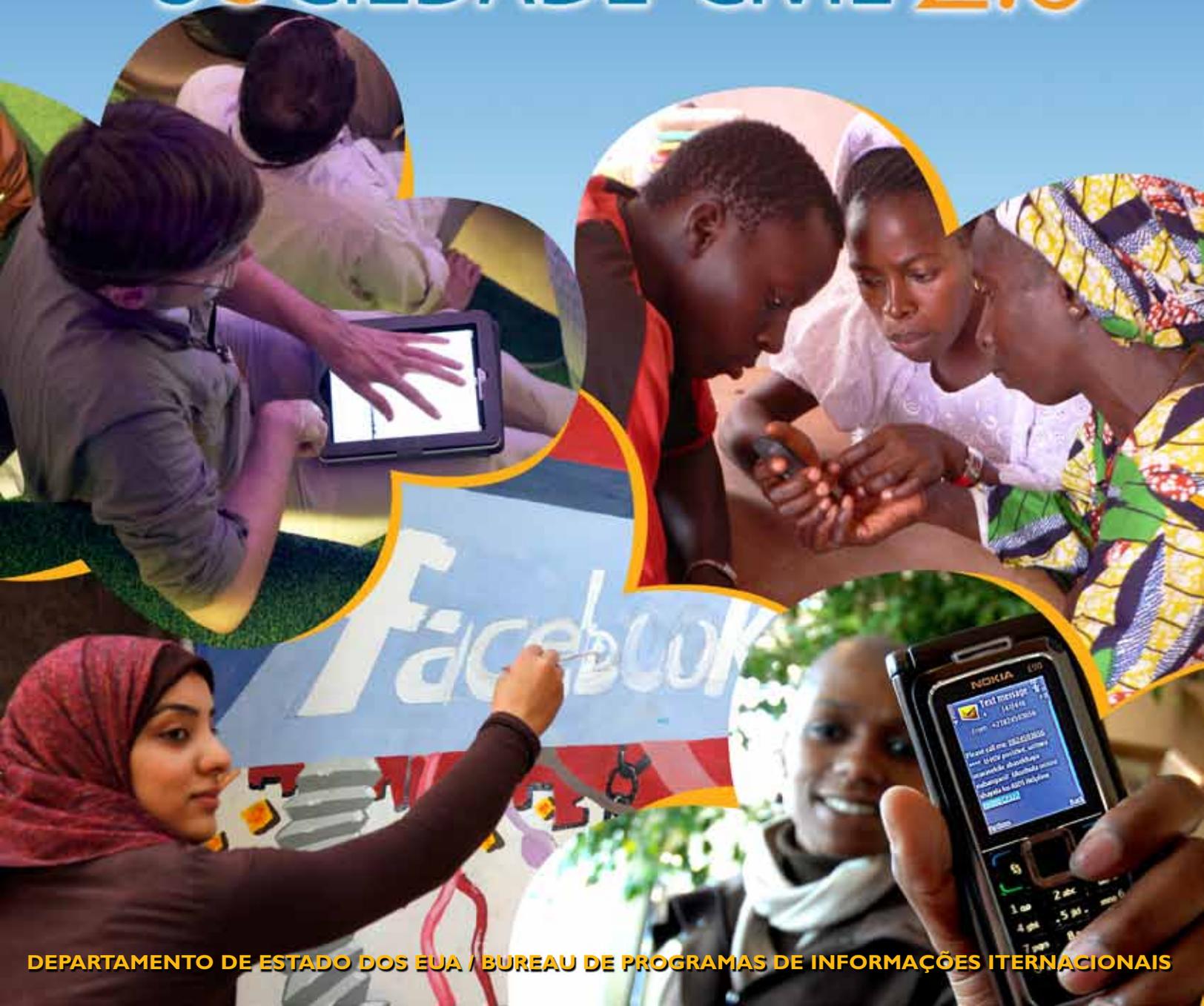




CULTIVANDO A SOCIEDADE CIVIL 2.0





DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
VOLUME 16 / NÚMERO 3
Publicado em outubro de 2011

Coordenadora Dawn L. McCall
Editor executivo Nicholas Namba
Diretor de Publicações Michael Jay Friedman

Diretora editorial Mary T. Chunko
Editora-gerente Ashley Rainey Donahey
Gerente de Produção Janine Perry
Designer Chloe D. Ellis
Capa Amy Quach

Editora de fotografia Maggie Johnson Sliker
Especialista em referências Anita N. Green

Revisora do português Marília Araújo

Legenda da capa: O logo "Sociedade Civil 2.0" está associado com a iniciativa Sociedade Civil 2.0, da secretária Hillary Clinton, para a criação de um movimento autossustentável com o objetivo de conectar organizações da sociedade civil com ferramentas tecnológicas

Créditos das fotos: Andri Setiawan (alto à esquerda); Cortesia: Tostan Jokko (alto à direita); © Manoocher Deghati/AP Images (embaixo à esquerda); Gustav Praekelt/PopTech (embaixo à direita)

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição



Organizações da sociedade civil usaram sites de mídia social para organizar movimentos sociais, como os protestos da primavera de 2011 no Cairo, Egito



Os telefones celulares são uma ferramenta versátil. São usados com várias finalidades, desde relatar atos de violência até lembrar pacientes de Aids de suas consultas médicas

A sociedade civil consiste em organizações e instituições que ajudam pessoas e cuidam de sua saúde e de seus direitos. O trabalho dos grupos da sociedade civil complementa os esforços dos governos e do setor privado. Seja a meta local, como a construção de uma nova escola, seja global, como conter a disseminação do HIV/Aids, a sociedade civil é um ator vital e um parceiro essencial.

As organizações da sociedade civil acompanharam o ritmo do aumento cada vez maior do número de pessoas com acesso a computadores, telefones e outros dispositivos móveis de comunicação. A sociedade civil é pioneira no uso das chamadas "tecnologias de conexão" (por exemplo, telefones celulares, aplicativos de mapeamento e softwares de redes sociais) para melhorar a saúde, promover a transparência, fazer avançar os direitos humanos e defender a justiça. As tecnologias de conexão são limitadas apenas pela engenhosidade de seus usuários. Cada vez mais, grupos da sociedade civil estão usando a tecnologia de maneiras novas e originais para realizar seu trabalho e ampliar a esfera na qual operam.

Esta edição de *eJournal USA* explora a evolução da interseção entre sociedade civil e tecnologia e mostra exemplos de como organizações da sociedade civil estão explorando o potencial da tecnologia para dar voz a quem não tem e casa a quem não tem. ■

Os editores



Cultivando a Sociedade Civil 2.0

- OS JOGADORES**
- 4 Sociedade Civil: O Poder do Povo**
 INGRID SRINATH, SECRETÁRIA-GERAL DA CIVICUS;
 ALIANÇA MUNDIAL PARA A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ
 A sociedade civil pode garantir legitimidade, transparência e prestação de contas em todas as esferas da sociedade e do governo.
- 10 Da Aldeia Global às Bases: Potencial Cívico da Mídia Digital**
 DOUGLAS RUSHKOFF, TEÓRICO DA MÍDIA E AUTOR DE *PROGRAM OR BE PROGRAMMED*
 A mídia eletrônica tradicional criou a aldeia global; a mídia digital dá destaque global ao que é local.
- 17 REGRAS E FERRAMENTAS**
- Novas Regras para um Novo Jogo: Como Participar do Jogo na Era das Novas Mídias**
 DAN GILLMOR, DIRETOR, CENTRO KNIGHT DE EMPREENDEDORISMO NA MÍDIA DIGITAL, AUTOR DE *MEDIACTIVE* E *WE THE MEDIA*
 Na era das novas mídias, a participação é vital.
- 20 Box: Fundamentos da Alfabetização Midiática**
- 21 Sociedade Civil 2.0**
 KATIE DOWD, ACESSORA DE INOVAÇÃO DA SECRETÁRIA DE ESTADO DOS EUA, HILLARY RODHAM CLINTON
 A iniciativa Sociedade Civil 2.0 ajuda organizações da sociedade civil a aumentar suas capacidades.
- EQUIPES COM TECNOLOGIA**
- 24 Tecnologia de Conexão e Sociedade Civil: Introdução**
 Grupos da sociedade civil estão usando tecnologias de conexão para administrar desastres naturais, combater a corrupção e dar mais poder ao povo.
- EM CAMPO: 10 ESTUDOS DE CASO**
- 29 Soluções Digitais para Desastres Naturais**
 Helpmap da plataforma Ushahidi: *Rússia*
 Roomdonor.jp: *Japão*
 Télécoms Sans Frontières: *Paquistão*
- 35 Combate à Corrupção**
 Nota de Zero Rupia: *Índia*
 Aliança Fair Play: *Eslováquia*
 ProPublica: *Estados Unidos da América*
- 39 Mídia Mobiliza os Marginalizados**
 HarassMap: *Egito*
 Projeto Masiluleke: *África do Sul*
 Carro Cibernético da Amizade: *Quirguistão*
 Projeto ACCESO Tec: *América Central e do Sul*
- 43 Recursos Adicionais**

Sociedade Civil: O Poder do Povo

Ingrid Srinath

“Dentro de todas as fronteiras, em qualquer país, existe grande quantidade de vozes independentes silenciadas.” São essas as palavras em minha mesa de trabalho na CIVICUS: Aliança Mundial para a Participação Cidadã. Elas servem como lembrete diário do desafio gigantesco e das tremendas oportunidades representados pela sociedade civil atualmente.



©Eraldo Peres/AP Images

Na frente do Congresso Nacional em Brasília, estudantes de todo o Brasil protestam contra a violência sexual. A sociedade civil resulta da união de pessoas em busca de uma meta comum

As organizações da sociedade civil — que incluem organizações não governamentais (ONGs), movimentos sociais, veículos de comunicação, centros de pesquisa, instituições de caridade religiosas, sindicatos e organizações comunitárias — ajudam a garantir que *todas* as vozes estejam representadas ao defender os que foram ignorados pelo governo e pelo setor privado.

A sociedade civil complementa os esforços dos governos e do setor privado ao encontrar soluções inovadoras para as questões complexas que temos de enfrentar todos os setores, incluindo saúde, educação, justiça, economia, artes, tecnologia e governança. Na verdade, a independência relativa que boa parte da sociedade civil desfruta com relação aos ciclos eleitoral e de mercado permite que as organizações tenham liberdade para ir atrás de questões e soluções impopulares ou de longo prazo. O mais importante, porém, é que os grupos

Página anterior: Com a ajuda de um rádio, este pashtun pode ouvir a *loya jirga*, grande conselho de anciãos tribais afegãos que se reúnem para discutir e decidir assuntos nacionais em Cabul, Afeganistão

da sociedade civil nos níveis local, nacional e internacional avaliem de modo independente se as necessidades das comunidades estão sendo atendidas — e responsabilizem o governo e o setor privado quando isso não ocorre.

Em muitos casos em que os serviços públicos e privados não atendem ou não podem atender a todas as necessidades dos cidadãos, as organizações da sociedade civil se esforçam para preencher as lacunas. A História mostra a importância da sociedade civil na manutenção de comunidades vibrantes — dentro e fora de suas fronteiras.

UMA FORÇA GLOBAL

Atualmente, discussões sobre a “sociedade civil” se tornaram cada vez mais populares nos círculos políticos, empresariais e midiáticos no mundo inteiro. Várias definições foram propostas, mas na essência a sociedade civil é o resultado de pessoas que se reúnem para além de família, Estado ou comércio, atravessando culturas e geografias para perseguir metas comuns. Os atores da sociedade civil variam de grupos de bairros e iniciativas religiosas a ONGs



Paquistaneses em Karachi fazem manifestação contra o terrorismo. A sociedade civil ajuda a encontrar soluções para os desafios globais atuais

©ShakilAdil/AP Images



Voluntários da Habitat para a Humanidade, organização sem fins lucrativos que constrói casas para os necessitados, montam uma casa em Detroit, Michigan. A sociedade civil une pessoas de diferentes formações e crenças para trabalhar para o bem comum

profissionais e alianças globais.

As metas da sociedade civil podem ser igualmente diversas, variando de projetos locais para limpar estradas ou construir novas escolas a iniciativas globais para acabar com as mudanças climáticas ou obter a paz mundial.

Quase todos os grandes avanços dos direitos humanos e das liberdades têm origem na sociedade civil. As realizações cívicas do passado incluem o fortalecimento da governança democrática; a abolição da escravatura; a defesa do direito à informação e à liberdade de expressão; o estabelecimento de proteções jurídicas contra a discriminação de minorias, mulheres, crianças, trabalhadores e portadores de deficiências; bem como a cooperação dentro das fronteiras nacionais

“O progresso no século 21 depende da capacidade das pessoas se aglutinarem em torno de metas comuns e aproveitarem o poder de suas convicções.”

— Secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton, 3 de julho de 2010

em questões que variam de despesas assistenciais a relações exteriores, comunicação e controle de doenças fatais.

Quando pequenos grupos de homens e mulheres comuns colocam as metas coletivas acima dos interesses próprios estreitos, eles se tornam capazes de realizações extraordinárias.

FALANDO A VERDADE PARA O PODER

À medida que os cidadãos mostraram capacidade cada vez maior de mobilização em favor de seus direitos e liberdades, em

algumas nações houve retaliação por parte das poderosas elites cujo domínio eles desafiaram. Na última década, alguns governos restringiram as liberdades sobre as

quais a sociedade civil floresce — liberdade de expressão, liberdade de associação e de reunião, além de liberdade de informação — a pretexto de reforçar a segurança nacional ou econômica.

Medidas legislativas, fiscais e tecnológicas, bem como repressão, campanhas de difamação, vigilância, sequestro, tortura e assassinatos, foram empregados por governos e interesses velados para restringir essas liberdades e evitar que a sociedade civil cumprisse seu importante papel de guardião.

ATOR ADAPTÁVEL EM UM MUNDO EM EVOLUÇÃO

À medida que os cidadãos reivindicam seu direito de moldar as decisões que determinam sua vida e seu futuro, os contratos sociais entre Estado, mercado, mídia e sociedade civil de final do século 20 estão sendo renegociados. O status quo em democracias estabelecidas e emergentes, bem como em regimes autoritários, está sendo desafiado por cidadãos e por grupos da sociedade civil que buscam maior responsabilização e transparência da governança. Ao mesmo

tempo, economias globalizadas, mudanças climáticas, crimes contra a humanidade e ameaças de pandemias e terrorismo exigem a atenção de cidadãos e da sociedade civil. Para encontrar soluções justas, pacíficas e sustentáveis para esses desafios é necessária a ajuda da sociedade civil.

Ao superar as divisões, romper o isolamento e amplificar vozes silenciadas, a sociedade civil pode garantir legitimidade, transparência e prestação de contas em todos os níveis de governança e da sociedade. ■

Ingrid Srinath é secretária-geral da CIVICUS: Aliança Mundial para a Participação Cidadã, aliança global de organizações da sociedade civil que se dedica a fortalecer a ação dos cidadãos e a sociedade civil no mundo inteiro, especialmente em áreas onde a democracia participativa e a liberdade de associação dos cidadãos estão ameaçadas.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Membros do “Respeite a si Próprio”, grupo contra o assédio sexual no Egito, se reúnem para organizar campanha no Cairo. A sociedade civil ajuda a amplificar as vozes marginalizadas da sociedade

Da Aldeia Global às Bases: Potencial Cívico da Mídia Digital

Douglas Rushkoff



A mídia eletrônica tradicional criou a aldeia global; a mídia digital deu destaque global ao local.



© Paul Sakuma/AP Images

À medida que a produção em larga escala substituiu produtos feitos localmente, fabricantes usaram a marca, como o logo da Aveia Quaker, para substituir o rosto humano dos comerciantes locais

Para muitos, o surgimento da internet no início da década de 1990 pareceu ser uma simples extensão da mídia eletrônica que veio antes. Um mundo já inundado com tudo, de Coca-Cola e McDonalds a Bill Cosby e *Baywatch*, iria em breve ser invadido por imagens e interesses corporativos ainda mais ocidentais. A edição inaugural da revista *Wired* proclamava que um “tsunami” estava a caminho (presumivelmente indo do Ocidente para o Oriente) e em breve alcançaria todos nós.

Mas a mídia digital acabou não se comportando exatamente dessa maneira. Seu impacto nos assuntos globais e nacionais tem sido menos uma onda avançando sobre nós do que uma subida lenta e constante de baixo. Isso porque a tecnologia digital é diferente. É tão diferente da mídia eletrônica tradicional — como o rádio e a televisão — como a prensa foi diferente dos manuscritos ou o alfabeto escrito da palavra falada.

O teórico da mídia Marshall McLuhan cunhou o termo “aldeia global” para descrever o universo da mídia eletrônica que se desenrolava à sua frente na década

Página anterior: No décimo aniversário da manifestação pró-democracia na Praça Tiananmen em 1989, homem captura imagem digital de uma bandeira sendo erguida na praça em Pequim

A tecnologia digital traz a mídia de volta para as nossas mãos. Não somos mais meramente consumidores de mídia: somos produtores de mídia.

com economias, empregos e até mesmos valores. Como previu McLuhan, a antiga aldeia tornou-se global.

A mídia eletrônica estabeleceu uma conversa entre emissoras centrais de rádio e tevê e o mundo como um todo. Aqueles que controlavam a torre de comunicações controlavam a conversa. Na melhor das hipóteses, podíamos “responder” aos políticos ou aos produtores dos programas com nossos votos e escolhas. Na pior das hipóteses, a incapacidade da mídia eletrônica de manter uma conversa de mão dupla silenciava sua audiência, transformando-a em consumidores passivos.

Ao contrário, a mídia digital fomenta a interação proporcionando novos espaços para a comunicação. Ao nos permitir registrar o que gostamos e o que não gostamos, enviar e-mails diretamente e postar nosso descontentamento, ela promove um padrão de mão dupla de chamada e resposta.

de 1960. Décadas antes dos protestos antiglobalização de meados da década de 1990, McLuhan percebeu que a aldeia global que surgia estaria sujeita a globalismos de todos os tipos: o poder dos Estados-nação e dos interesses locais iria minguar à medida que os interesses das corporações globais aumentasse.

VEJA QUEM ESTÁ FALANDO: MÍDIA ELETRÔNICA VERSUS DIGITAL

A mídia eletrônica de radiodifusão foi uma consequência da Era Industrial. Novos produtores de grande escala criaram marcas para atrair clientes desviando-os dos produtos com os quais estavam familiarizados. Ao imprimir um Quaker em uma caixa de aveia ou o personagem de um desenho numa caixa de cereal, esses fabricantes utilizaram

a marca para substituir o rosto humano do comerciante local. O rádio e a televisão foram então utilizados para transmitir imagens de marcas nos Estados Unidos e em todo o mundo, de modo que os consumidores desenvolveriam relações com as marcas como antes tinham com vendedores locais. Como consequência, fidelidades locais deram lugar a marcas e associações regionais, nacionais e depois globais. Do mesmo modo, os mercados se deslocalizaram junto



© Rommel DeGuzman

Ao contrário da televisão, do rádio e de outras mídias eletrônicas, a mídia digital incentiva várias vias de diálogo de pessoa a pessoa

PESSOA A PESSOA: O “SOCIAL” NA MÍDIA SOCIAL

E, mais importante, enquanto a mídia eletrônica tradicional nos empurrava para atividades e sensibilidades mais globais, a mídia digital nos empurra praticamente na outra direção. A mídia digital não apenas promove o *feedback* das massas para as empresas e as elites, ela também incentiva o diálogo pessoa a pessoa. Essa é uma diferença crucial e profunda: a mídia digital não simplesmente acelera a chamada e a resposta entre líderes e liderados; ela gera uma “ecologia” inteiramente nova de conversas que permite não apenas um diálogo vertical, mas também *horizontal*. Em vez de procurar por orientação, as pessoas podem procurar por soluções para os lados — de um para o outro. Isso nos estimula a pensar em termos locais, de baixo para cima, e mesmo em termos individuais.

É isso o que realmente significa mídia *social*. A maneira mais fácil de lembrar como a mídia digital realmente funciona é simplesmente olhar para os seus dez dedos da mão. A tecnologia digital traz a mídia de volta para as nossas mãos. Não somos mais meramente consumidores de mídia: somos produtores de mídia. E o assunto preferido da câmera de mão dos *smartphones* tende a ser não o que está acontecendo em outros lugares, mas o que está acontecendo localmente.

Agora que nossos amigos podem twittar em alto e bom som qualquer marca, nossa realidade local está tão

bem representada na nossa mídia — nossa mídia digital — quanto qualquer governo ou empresa. Onde nossa atenção costumava ser ganha por quem quer que controlasse nossos canais de radiodifusão, agora ela é ganha por quem quer que esteja dizendo algo relevante para a nossa vida. Isso recupera nossa ligação com o local, o cívico, o social e o humano. Vivendo digitalmente, tendemos a funcionar em uma escala mais compatível com nossas identidades como indivíduos, pais, trabalhadores ou membros de comunidades. O mundo real dos nossos colegas surge como muito mais substancial e significativo do que o mundo artificial projetado pelas instituições globais. É por isso que o ativismo que se propagou pela mídia digital — da Primavera Árabe ao Partido Verdadeiros Finlandeses aos movimentos anticapitalistas da Espanha — é tão focado, organizado e motivado pelo local.

IMPACTO LOCAL, PROPORÇÕES GLOBAIS

A última vez que uma mudança dessa magnitude ocorreu foi quando a cultura da impressão dos livros deu lugar à cultura dos satélites da televisão global. Mas ao invés de interesses nacionais dando lugar à aldeia global de McLuhan, a era digital testemunhou uma mudança nas lentes da mídia para o imediato e o local. Enquanto a mídia eletrônica tradicional nos empurrava para atividades e sensibilidades mais globais na segunda metade do século 20, a mídia digital está nos



©Rommel DeGuzman

A tecnologia digital traz a mídia de volta para as nossas mãos e nos transforma de consumidores a produtores de mídia

empurrando praticamente na outra direção no século 21. Isso nos estimula a pensar em termos locais, produtivos — e mesmo individuais — de baixo para cima. Se não reconhecermos essa mudança essencial, continuaremos incapazes de entender, muito menos influenciar, os eventos que ocorrem em nossa nova sociedade civil, inspirada digitalmente.

O potencial da mídia digital para construir a sociedade civil é considerável. Desenvolvimentos recentes nas tecnologias de conexão, como telefones celulares e plataformas de redes sociais, revolucionaram o modo como compartilhamos informações, comunicamos com os outros, organizamos e defendemos nossos interesses. Esses desenvolvimentos têm a capacidade de fortalecer a sociedade civil onde ela já existe — e de fomentá-la onde ela não existe. Ao reduzir as barreiras à produção e distribuição de

informações, milhões de novos produtores e consumidores de mídia têm condições de organizar, comunicar, aprender e participar em seus países e comunidades com eficiência sem precedentes. Com as tecnologias digitais na palma das mãos, pessoas antes sem voz têm poder para participar da esfera pública e ampliar a diversidade de ideias disponíveis.

SOCIEDADE CIVIL NA ERA DIGITAL

No entanto, nem tudo são flores com relação ao futuro. Para a mídia digital alcançar seu pleno potencial como ferramenta de ação da sociedade civil, a responsabilidade é de seus usuários — assim como ocorre com todas as ferramentas. A tecnologia sozinha não resolve nada. O emprego bem-sucedido da mídia digital para o aperfeiçoamento da sociedade civil exigirá não apenas a energia e as habilidades de produtores bem intencionados, mas também consumidores cuidadosos, críticos e bem informados digitalmente.

Para navegar com sucesso nesse novo ambiente midiático, formuladores de políticas, estrategistas, organizações não governamentais e governos precisam resistir à tentação de operar e se comunicar por meio do agora obsoleto modelo da aldeia global e levar em conta a “ecologia” local, de baixo para cima e contagiante de tweets, mensagens do Facebook e atualizações do Foursquare.

As pessoas foram deixadas a seus próprios aparelhos. ■

Douglas Rushkoff é o autor, mais recentemente, de Programar Be Programmed [Programar ou Seja Programado], e diretor da TMT StrategicPartners.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



© LeifertisPitarakis/AP Images

O blogueiro tunisiano Wissem Zghaier digita em seu laptop em um café no centro de Túnis



Dispositivos digitais como telefones celulares não trazem mudanças sociais. Garantir que a tecnologia digital seja usada para o aperfeiçoamento da sociedade depende daqueles que a usam

© Wong Maye-E/AP Images



Nunca tantas informações estiveram disponíveis para tantas pessoas. E nunca foi mais difícil escolher entre todas elas.

© Jeff Huang/Getty

Novas Regras para um Novo Jogo: Como Participar do Jogo na Era das Novas Mídias

Dan Gillmor



© David Brabyn/Corbis

Os cofundadores da plataforma de mídia social Foursquare, Naveen Selvadurai (à esquerda) e Dennis Crowley, trabalham em seu arejado e espaçoso escritório de Nova York. O uso das mídias digitais exige o aprendizado de novas habilidades

O século 21 é uma época de abundância de mídias, uma era de criação e distribuição radicalmente democratizadas e descentralizadas. Praticamente qualquer pessoa pode fazer uma publicação e quase tudo que está publicado pode ser encontrado.

Porém, abundância de informações pode levar a confusão de informações. Para algumas pessoas, a abundância de novas fontes de informações pode parecer uma sobrecarga. A proliferação de novos meios de comunicação durante a última década criou uma avalanche de dados cuja confiabilidade não é fácil julgar. Embora jamais nenhum meio de comunicação tenha sido uma fonte perfeita, decidir em quem confiar no mercado supersaturado dos dias de hoje nunca foi tão difícil.

MÍDIAS DO POVO

Do mundo democratizado estão surgindo novas fontes de informações que eu chamo de “mídias cidadãs”. Por “democratizado” refiro-me não tanto a eleições, mas principalmente à participação; qualquer pessoa com acesso a tecnologias modernas, como um celular ou um computador, pode atualmente participar da mídia. Pessoas

e grupos no mundo todo estão usando as novas ferramentas de criação de mídias para produzir seu próprio conteúdo, independentemente dos canais tradicionais de produção midiática. O potencial das mídias cidadãs é enorme e seu impacto já está sendo sentido. Por exemplo, as mídias cidadãs desempenharam um papel fundamental nos levantes populares no Oriente Médio e no Norte da África. Em regimes mais estáveis elas permitiram uma profusão de informações sobre questões e tópicos raramente, ou nunca, cobertos pela mídia tradicional.

Contudo, nem todas as informações são criadas da mesma maneira. Quanto mais pulverizada a mídia se torna, mais informações não confiáveis — ou pior, totalmente fabricadas — se infiltram naquilo que lemos, ouvimos ou assistimos. Exatidão, qualidade e confiabilidade podem variar imensamente de uma fonte para outra. Nessa era de profusão de produtos de mídia, não só os produtores têm a responsabilidade de criar material de qualidade, mas os consumidores também devem navegar na esfera das novas mídias com responsabilidade. Para a realização de todo o potencial da mídia democratizada, os consumidores precisam antes de mais nada conseguir diferenciar aquilo que é bom daquilo que é feio e ruim.

Embora pareça assustador fazer uma escolha na enxurrada de conteúdos das novas mídias, não estamos indefesos. Várias ferramentas e técnicas estão surgindo da própria explosão de tecnologias e mídias que as criaram para nos ajudar a avaliar os novos fluxos de informações. Não obstante, a mais eficaz de todas as ferramentas disponíveis não é tecnológica. Ao contrário, nossa inteligência, curiosidade e disposição para seguir princípios éticos e intelectualmente sólidos são nossos ativos mais poderosos na hora de avaliar as informações no ambiente midiático atual.

Democracia não é apenas eleição. Na mídia democratizada, a participação é vital. Precisamos aprender a usar as mídias nos tornando participantes ativos no modo como consumimos e criamos nossas próprias informações confiáveis. Essa é uma versão moderna do que vem sendo denominado “alfabetização midiática” e cuja importância nunca foi tão grande. (Ver box sobre “Fundamentos da Alfabetização Midiática”.)

RESPONSABILIDADES NO NOVO ECOSISTEMA MIDIÁTICO

Se um locutor de rádio tiver ligações políticas com um determinado partido ou órgão governamental, esse fato deve ficar claro para os ouvintes. Se uma legislação em tramitação for afetar os interesses comerciais de um

dono de jornal, esses interesses devem ser divulgados quando o jornal cobrir essa legislação. Todos os criadores de mídia devem explicar o modo como operam, aumentando assim a confiança do público.

O novo ecossistema midiático é um mundo empolgante, embora frequentemente confuso, para todos nós. Mas suas promessas são tão ilimitadas quanto as informações que gera.

Nesse novo mundo, todos temos a responsabilidade de garantir que a demanda por informações de qualidade e confiáveis continue alta. A autonomia depende da nossa capacidade de ponderar os fatos e tomar decisões sensatas. O mundo das novas mídias — se usado com sabedoria — aumentará nossa capacidade de fazer exatamente isso. ■

Dan Gillmor é professor de Empreendedorismo na Mídia Digital na Escola Cronkite de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade do Estado do Arizona. É autor de Mediactive, livro que incentiva as pessoas a se tornarem usuários ativos da mídia e é cofundador, investidor e consultor de vários empreendimentos midiáticos.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Shashi Bellankonda/Creative Commons

Funcionária da plataforma de notícias comunitária Patch trabalha em um café. Jornalistas cidadãos podem ajudar a contar histórias locais ignoradas pelos meios de comunicação tradicionais

Fundamentos da Alfabetização Midiática

Dan Gillmor



A ONG internacional Tactical Tech realiza workshop na Jordânia para ativistas dos direitos da mulher sobre como representar visualmente a informação usando mídia digital

Samah Aratâh/Tactical Tech/Creative Commons

Os princípios fundamentais da alfabetização midiática fornecem as diretrizes essenciais para que uma pessoa se torne uma consumidora de mídia ativa nas mídias participativas de hoje:

- **Desconfie de tudo:** Até mesmo os melhores jornalistas, sem mencionar nossos amigos e colegas, às vezes nos contam coisas que não são exatas. Não podemos confiar cegamente em qualquer coisa.
- **Pratique o discernimento:** Não desconfie igualmente de tudo. Damos muito mais crédito a um artigo de uma publicação de prestígio como o *New York Times* do que a um comentário aleatório em um blog aleatório.
- **Abra sua mente:** Todos nós precisamos sair da nossa zona de conforto em nosso consumo de mídia. Isso significa ler e ouvir as pessoas de quem discordamos. Significa também buscar ativamente informações sobre povos e culturas que não conhecemos. E, em especial, significa desafiar nossas crenças e preconceitos, a despeito do quão enraizados eles sejam. As pessoas que vez por outra não mudam de opinião com base em fatos novos são pessoas de mente fechada.
- **Faça perguntas:** Quanto mais importante for um assunto para a nossa própria vida, mais importante é pesquisá-lo amplamente. Uma única fonte nunca é suficiente. Se for um assunto que esteja na nossa proximidade, podemos — e devemos — fazer perguntas às pessoas que podem ter as

respostas. Por exemplo, se um jornal local fizer uma cobertura incompleta de um assunto no nosso bairro, podemos e devemos procurar nossos contatos locais para obter as informações que faltam e comunicá-las aos nossos vizinhos que também podem ter interesse ou ser afetados.

- **Aprenda técnicas de mídia:** É cada vez maior o número de pessoas que possuem ou têm acesso a computadores, e milhões de outras usam celulares e outros dispositivos móveis que tiram fotos e gravam vídeos. Essas são ferramentas de criação midiática, e devemos aprender a usá-las de forma precisa, produtiva e confiável. Além disso, precisamos entender como a mídia é usada para persuadir e manipular, se quisermos ser consumidores eficientes e responsáveis.

Os quatro primeiros princípios da criação midiática são, basicamente, jornalísticos: meticulosidade, exatidão, imparcialidade e independência. Nesta nova era, precisamos acrescentar outro: transparência. É possível ser transparente de várias formas. Por exemplo, devemos reconhecer que cada pessoa e cada organização tem uma visão de mundo. Explicar essa visão ao público — para que todo o conteúdo seja considerado no contexto — é um serviço essencial que deve ser fornecido por todos os produtores de mídia responsáveis. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Katie Dowd



© Abdeljalil Bounhar/AP Images

“Precisamos trabalhar rumo a um mundo em que o acesso a redes e à informação aproxime as pessoas e amplie a definição de comunidade global. Dada a magnitude dos desafios que estamos enfrentando, precisamos que pessoas no mundo todo compartilhem seu conhecimento e sua criatividade para ajudar a reconstruir a economia global, proteger nosso meio ambiente, derrotar o extremismo violento e construir um futuro no qual todo ser humano possa buscar e realizar o potencial que lhe foi conferido por Deus.”

—Secretária de Estado dos EUA, Hillary Rodham Clinton, Washington, 21 de janeiro de 2010

Apoiar a expansão das organizações e redes que constituem a sociedade civil tem sido há muito uma meta do Departamento de Estado dos EUA. A sociedade civil é fundamental para o avanço da democracia, a transparência, o respeito aos direitos humanos e a boa governança; ela torna as comunidades mais prósperas e estáveis, estimula o crescimento econômico mutuamente sustentável e pressiona as instituições políticas para serem ágeis e receptivas às pessoas que servem.

À medida que o mundo se desenvolve e a tecnologia é cada vez mais usada para construir e sustentar redes sociais e meios de comunicação, reconhecemos que é crucial garantir que todas as organizações da sociedade civil possam usar essas novas ferramentas para fazer avançar sua missão no século 21. Como parte do que a secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton, chama de Arte de Governar do Século 21, os Estados Unidos estão ampliando o alcance da diplomacia tradicional entre governos usando novas tecnologias e engajando as redes criadas por elas.

As tecnologias de conexão, como celulares, aplicativos de mapeamento e software de redes sociais, criam novas oportunidades para que grupos da sociedade civil façam seu trabalho avançar. Infelizmente, em um mundo cada vez mais interligado, algumas organizações da sociedade civil estão sendo deixadas para trás. Para garantir que até mesmo a menor organização da sociedade civil possa acessar e usar as tecnologias de conexão, a secretária Hillary Clinton anunciou em 2009 a iniciativa Sociedade Civil 2.0 em Marrakesh, no Marrocos.

A Sociedade Civil 2.0 destina-se a ajudar pequenas organizações que trabalham para o bem social a aumentar seus recursos com o uso de tecnologias de conexão. A meta é criar uma rede de longo prazo autossustentável de tecnólogos, voluntários e defensores da sociedade civil, dedicada à promoção do trabalho da sociedade civil no século 21.



Foto: cortesia Andri Setiawan

Participante do TechCamp trabalha em seu iPad. Tecnologias de conexão, como computadores tablet, estão criando novas oportunidades para que grupos da sociedade civil avancem com seu trabalho



Em maio de 2011, o TechCamp de Jacarta reuniu especialistas em tecnologia e organizações da sociedade civil para sessões de *brainstorm* sobre como tratar os desafios globais com o uso da mídia digital

Foto: cortesia Andri Setiawan



Foto: cortesia Andri Setiawan

Os participantes do TechCamp Nawang, Firzi, Tika e Titi posam no Centro @america de alta tecnologia no Shopping Pacific Place, em Jacarta, Indonésia

Para alcançar essa meta, estamos reunindo especialistas em tecnologia e profissionais locais da sociedade civil por meio dos TechCamps, eventos de dois dias nos quais juntamos especialistas da comunidade da tecnologia com organizações da sociedade civil para ajudar os participantes a aproveitar as tecnologias mais recentes e fazer avançar as metas de sua missão.

Ao contrário das conferências tradicionais, os TechCamps enfatizam o treinamento prático e a interação. A maior parte do tempo é dedicada a pequenos grupos, permitindo que as organizações se concentrem em seus desafios específicos e colaborem com os especialistas em tecnologia para determinar as melhores soluções técnicas. Os TechCamps também oferecem sessões de treinamento interativas e voltadas à tecnologia que ensinam os participantes a usar ferramentas tecnológicas para fazer avançar seu trabalho. Exemplos incluem como construir um site, participar em mídias sociais, desenvolver um aplicativo móvel, bem como levantar recursos e buscar voluntários on-line.

Outra característica específica dos TechCamps é que as colaborações que estimulam continuam quando os participantes voltam para casa. Após o final do evento,

os participantes compartilham soluções para problemas e discutem avanços no site www.techcampglobal.org, que se conecta a redes globais de voluntários digitais interessados em ajudar organizações da sociedade civil. Dessa forma, os TechCamps estão estimulando uma comunidade permanente para que organizações da sociedade civil e tecnólogos compartilhem resultados, êxitos e necessidades, fortalecendo assim a eficácia e a sustentabilidade do programa.

Já realizamos quatro TechCamps no Chile, na Indonésia, na Moldávia e no Uruguai e capacitamos cerca de 250 organizações da sociedade civil de mais de 35 países em questões que variam de resposta a desastres a governo aberto. Com mais eventos planejados, nossa comunidade TechCamps está se tornando uma rede mundial habilitada a estimular e apoiar pessoas e organizações que trabalham para melhorar sua sociedade. ■

Katie Dowd é assessora de Inovação da secretária de Estado dos EUA, Hillary Rodham Clinton, na Assessoria para Inovação e Tecnologia. Ela dirige a iniciativa Sociedade Civil 2.0 da secretária.

Tecnologia de Conexão e Sociedade Civil

Ashley Rainey Donahey



Grupos da sociedade civil estão usando tecnologias de conexão para administrar desastres naturais, combater a corrupção e dar mais poder ao povo.

Samah Arafat/Tactical Tech/Creative Commons

Quando os adversários do regime de Hosni Mubarak, do Egito, tomaram as ruas do Cairo, no início de 2011, utilizaram a tecnologia para coordenar seus esforços. Valendo-se de internet, telefones celulares e sites de redes sociais, como o Facebook, centenas de milhares de manifestantes convergiram para a Praça Tahrir e conseguiram acabar com os 30 anos de presidência de Mubarak.

Facebook, Twitter, SMS e outras tecnologias de conexão não deram início aos movimentos que derrubaram os regimes no Egito e na Tunísia este ano, mas ao possibilitar a comunicação e a organização dos cidadãos, desempenharam importante papel no seu êxito. Os desenvolvimentos tecnológicos recentes oferecem uma grande variedade de novas ferramentas para ajudar as pessoas a compartilhar informações, comunicar opiniões e organizar e defender seus interesses.

Em resumo, a tecnologia por si só não resolve nada, mas quando empregada por pessoas e organizações que trabalham por mudança social, pode ser uma aliada poderosa. E, embora a tecnologia por si só não traga mudança social, as tecnologias de conexão contêm imenso potencial para estimular e fortalecer a sociedade civil.

DESAFIOS HUMANOS, SOLUÇÕES TÉCNICAS

Diariamente, pessoas e organizações da sociedade civil do mundo todo usam tecnologias de conexão para mudar vidas e melhorar suas comunidades de formas mais discretas do que depondo ditadores.

Página anterior: Participantes do workshop "Visualização dos Direitos da Mulher" 2010, da Tactical Tech, colaboram usando um laptop. O workshop reuniu 44 defensores dos direitos da mulher no deserto da Jordânia para três dias de treinamento em utilização de mídia digital no ativismo



Wael Ghonim, ex-executivo do Google, fala para multidão na Praça Tahrir, no Cairo, com telefone celular na mão. A tecnologia digital ajudou dissidentes a organizar manifestações no Egito e na Tunísia na primavera de 2011

Por exemplo, a PopTech, uma rede multidisciplinar que estuda o impacto social das novas tecnologias, descobriu que muitos sul-africanos temem ser discriminados por suas comunidades se forem diagnosticados como soropositivos, razão pela qual evitam fazer o teste de HIV. Para enfrentar esse medo, a PopTech lançou um programa inovador para telefone celular chamado Projeto Masiluleke, que permite às pessoas receber o resultado de seus testes anonimamente, via mensagens de texto. As taxas de identificação e tratamento de portadores de HIV na África do Sul aumentaram – e o uso criativo da tecnologia para telefone celular feito pelo Projeto Masiluleke tornou isso possível.

Os usos das tecnologias de conexão são limitados apenas pela engenhosidade de seus usuários. Talvez o melhor exemplo de organização que explora a adaptabilidade da tecnologia para beneficiar a sociedade civil seja a Ushahidi, empresa sem fins lucrativos.

Batizada com a palavra "testemunho" em suaflí, a Ushahidi começou a funcionar em 2008, como site para mapear a violência pós-eleitoral no Quênia. O site original evoluiu para uma plataforma de software de código aberto que coleta informações de várias tecnologias de conexão, entre elas, SMS, e-mail, Facebook, Twitter, YouTube e Flickr, e as organiza em um mapa interativo. Atualmente, pessoas e grupos da sociedade civil do mundo todo usam a Ushahidi para promover uma ampla variedade de causas sociais, políticas e ambientais.

Por exemplo, um jornal do sudeste da China mapeia a degradação ambiental em Hong Kong, moradores

da Louisiana mapearam o impacto do derramamento de petróleo no Golfo em suas comunidades e uma campanha de saúde na África mapeia a disponibilidade de medicamentos essenciais nos postos de assistência médica locais por toda a África. Um homem usou a Ushahidi durante o incêndio florestal na Rússia em 2010 para conectar milhares de



Beduínos do Norte do Sinai cantam e batem palmas durante manifestações no Cairo, em 2011, enquanto observadores seguram telefones celulares e máquinas fotográficas. Embora a tecnologia ajude, as pessoas ainda estão no comando da mudança social

voluntários a milhares de vítimas necessitadas.

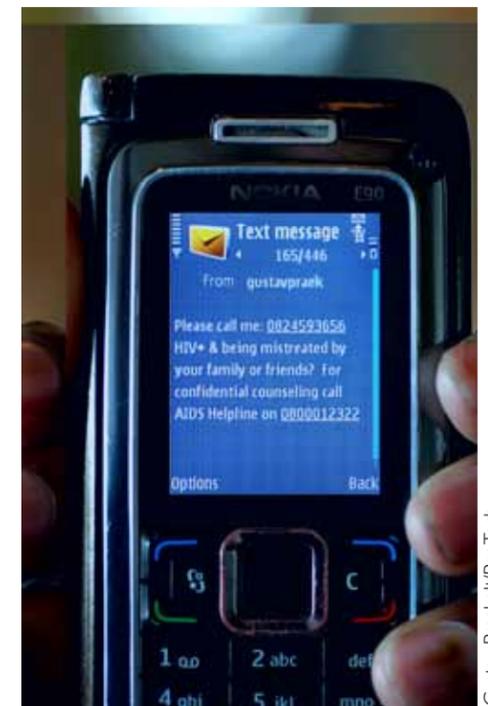
TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA, NÃO PANACEIA

Cada vez mais pessoas do mundo todo possuem ou têm acesso a computadores, e atualmente milhões mais usam telefones ou outros dispositivos móveis que captam e transmitem imagens, áudio e vídeo. Para explorar totalmente o potencial dessas tecnologias como ferramentas para possibilitar e promover ações cívicas, as pessoas precisam usá-las com habilidade, de modo produtivo e confiável. Essas tecnologias podem facilitar a mudança social, mas não podem gerá-la. As pessoas ainda estão no comando.

As organizações da sociedade civil descritas nas páginas a seguir estão usando tecnologias de conexão de forma criativa e responsável para promover mudanças positivas em suas comunidades. ■

Ashley Rainey Donahy é editora-gerente da eJournal USA.

Qual é a sua causa?
Veja a contracapa e nos diga!



O Projeto Masiluleke enviou mais de 1 bilhão de mensagens de texto como esta para ajudar a conter a disseminação do HIV/Aids na África do Sul

“**C**ontando com telefones celulares, aplicativos de mapeamento e outras novas ferramentas, podemos dar mais poder aos cidadãos e [...] lidar com as deficiências do mercado atual com relação à inovação.”

—Secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton

ESTUDOS

Soluções Digitais para Desastres Naturais

*Tecnologias de conexão
ajudaram operações
emergenciais na Rússia, no
Japão e no Paquistão.*

DE CASO

HELPMAP DA PLATAFORMA USHAHIDI Rússia



Enquanto os incêndios devastavam as florestas da Rússia em julho de 2010, blogueiros russos discutiam como cidadãos comuns poderiam ajudar a extinguir o incêndio e ajudar as vítimas

© Alexander Zemlianichenko/AP Images

Em 2010, quando incêndios florestais começaram a se propagar a partir do interior das florestas da Rússia para áreas urbanas mais densamente povoadas, o que começou como uma primavera excepcionalmente quente e seca transformou-se em um verão mortal. A luta dos bombeiros para conter as chamas incendiou a blogosfera russa com discussões sobre como cidadãos comuns poderiam ajudar.

Em um site da comunidade LiveJournal chamado *Pozar Ru*, lançado como um lugar para postar relatos sobre incêndios e para alertar comunidades em risco, o blogueiro

Gregory Asmolov sugeriu que a plataforma Ushahidi de mapeamento on-line poderia ser usada para coordenar esforços emergenciais. A postagem de Asmolov foi rapidamente republicada por outros blogueiros importantes pedindo que voluntários usassem a Ushahidi, e Asmolov pediu a seu colega Alexey Sidorenko para ajudá-lo a lançar o projeto. No mesmo dia, Asmolov e Sidorenko fizeram rodar um site com a plataforma Ushahidi. Para divulgá-lo, Asmolov pediu ajuda a jornais e emissoras de rádio, e o importante Canal 1 da TV russa selecionou a história da primeira implementação da plataforma Ushahidi na Rússia.

Um aspecto particularmente inovador do HelpMap da Rússia foi que seu principal objetivo não era somente mapear relatos de incêndios, mas também conectar pessoas necessitadas com voluntários que queriam ajudar. O HelpMap foi projetado com categorias tais como “Precisa-se de” e “Desejo ajudar” com subcategorias complementares como “Preciso ser evacuado” e “Tenho transporte”.

Contudo, nem todo o trabalho foi feito on-line. Para coordenar, mapear e verificar os relatos, os voluntários organizaram uma central de atendimento no apartamento de um voluntário. Quando os incêndios cessaram, o HelpMap havia recebido mais de 187 mil visitantes e 1.600 mensagens. No auge da crise, 17 mil pessoas visitaram o HelpMap em um único dia. Em reconhecimento ao sucesso estrondoso do HelpMap, a Agência Federal Russa de Imprensa e Comunicação de Massa concedeu ao projeto o Prêmio Runet, comumente apelidado de “o Oscar da internet”.

Desde que o grupo de voluntários foi desfeito, Asmolov tem viajado pela Rússia dando palestras para estudantes universitários, ONGs e autoridades governamentais sobre o potencial das novas tecnologias para melhorar o trabalho da sociedade civil e do governo. O blogueiro russo *grey-wolk*, como é conhecido, descreveu as lições aprendidas por meio do HelpMap do seguinte modo: “Uma combinação de pessoas ativas, as mais recentes tecnologias de trabalho distribuído, a falta de restrições formais e fonte ilimitada de conhecimento na internet acabou levando a uma situação em que esse grupo de trabalho ‘virtual’ relativamente pequeno foi capaz de realizar operações que provocaram um impacto real em um enorme território.”

ROOMDONOR.JP Japão



Lanternas acesas flutuam rio abaixo em homenagem às vítimas do desastre de março de 2011 em Tohoku, Japão. Cerca de 20 mil pessoas foram mortas e 7 mil evacuadas devido ao terremoto e tsunami

© Ichiro Ohara/AP Images

Quando um terremoto gigantesco atingiu o Japão em 11 de março de 2011, Kohei Fukuzaki, aluno do segundo ano da Universidade de Keio, retirou seu amigo do Centro de Convenção Pacífico Yokohama, onde centenas de pessoas estavam isoladas. Naquele dia, à medida que Fukuzaki procurava informações em sites como Twitter e Facebook, ele teve uma ideia.

Ele notou que amigos e estranhos igualmente estavam oferecendo suas casas para vítimas que não podiam voltar para suas próprias casas. Então Fukuzaki convocou alguns colegas de classe para lançar o Roomdonor.jp, site que une vítimas necessitadas de alojamento com pessoas que estão oferecendo alojamento de graça.

Já familiarizados com os serviços de computação na nuvem e compartilhamento social das mídias da internet tais como o *TechCrunch*, com sede nos Estados Unidos, Fukuzaki e seus amigos puderam ajustar seu site às necessidades do desastre. “Desenvolvemos um modo de tornar o uso desses serviços ainda mais fácil, para que seja o melhor método, mesmo durante um terremoto”, disse Fukuzaki. O Roomdonor.jp pode ser pesquisado por região, número de pessoas, acomodações para animais de estimação e crianças e está disponível por meio de dispositivos móveis.

Na primeira semana, mais de 2 mil quartos foram oferecidos no site. O tráfego se intensificou em 12 de abril, quando o embaixador americano no Japão, John V. Roos, postou uma mensagem no Twitter sobre isso e outras 250 pessoas registraram quartos disponíveis. Fukuzaki estima que várias centenas de vítimas do terremoto foram abrigadas por intermédio do Roomdonor.jp e relata que, desde agosto de 2011, o site está preparado para providenciar cerca de 7 mil acomodações.

TÉLÉCOMS SANS FRONTIÈRES Paquistão



Foto: cortesia Télécoms Sans Frontières

A Télécoms Sans Frontières anuncia um centro de telecomunicações temporário oferecendo chamadas telefônicas gratuitas durante as enchentes de 2010 no Paquistão

Os mais terríveis pesadelos de muitos paquistaneses tornaram-se realidade em 2010, quando chuvas torrenciais causaram as piores inundações da história do Paquistão. Aldeias inteiras e seus habitantes foram varridos das províncias de Khyber Pakhtunkhwa e Sindh. A Télécoms Sans Frontières (Telecomunicações Sem Fronteiras), ONG global especializada em tecnologias e telecomunicações de emergência, rapidamente entrou em cena.

A TSF ajudou a acabar com a agonia de dezenas de milhares de pessoas que não sabiam se seus entes queridos estavam mortos ou vivos fornecendo-lhes gratuitamente serviços de telefonia sem fio. Munidos de telefones celulares e via satélite, equipes de duas pessoas espalharam-se entre os bairros atingidos, alternando-se entre instalar

centros de telefonia e encontrar vítimas em barracas e salas de aula. Entre 20 de agosto de 28 de setembro de 2010, a TSF permitiu que 13.480 famílias atingidas fizessem contato com seus entes queridos dentro e fora do Paquistão.

“Isso significa que mais de 94 mil pessoas foram reconectadas em todo o mundo graças a um simples telefonema”, diz a TSF.

A TSF também usou suas conexões para fortalecer a coordenação e apoiar avaliações iniciais com equipes da ONU de Avaliação e Coordenação de Desastres Naturais em Punjab, bem como com o Escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários em Islamabad.

O valor de seu trabalho pode ser sentido por meio das histórias das vítimas das enchentes, tais como as de Farid, que vivia em uma aldeia fora de Peshawar com a esposa e dez filhos, três dos quais desapareceram nas águas agitadas. Conforme foi dito no site do grupo, “ele perdeu tudo: filhos, a casa que construiu para a família, os sonhos que tinha para os filhos. (...) Graças às equipes da TSF e do YRC [Centro de Recursos da Juventude do Paquistão], Farid pôde entrar em contato com seus parentes que moram em Lahore”. Desde 1998, a TSF tem desempenhado papel ativo em todos os continentes respondendo a desastres naturais e humanos logo após eles acontecerem. ■



Voluntário da Télécoms Sans Frontières (TSF) aguarda enquanto homem telefona à família durante as enchentes de 2010 no Paquistão. A TSF permitiu que mais de 13 mil famílias ligassem para seus entes queridos

Foto: cortesia Télécoms Sans Frontières

“O acesso à informação ajuda os cidadãos a fazer com que os seus próprios governos prestem contas, gera novas ideias, incentiva a criatividade e o empreendedorismo.”

—Secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton

ESTUDOS

Combate à Corrupção

A sociedade civil promove a transparência usando tecnologia na Índia, na Eslováquia e nos Estados Unidos.

DE CASO

NOTA DE ZERO RUPIA Índia



A nota de zero rupia de Vijay Anand foi criada para se parecer com uma cédula de 50 rupias e está inscrita com as palavras “Prometo não aceitar nem pagar propinas” em inglês e tâmil

de edição de imagens e um site de promoção e distribuição, Anand criou uma arma poderosa para proteger os cidadãos dos pedidos de suborno por funcionários públicos: a nota de zero rupia. O simples pedaço de papel sem valor monetário, criado para se parecer com uma nota de 50 rupias, tem se mostrado um obstáculo formidável aos que o recebem. Muitos relataram que a entrega da cédula estampada com as palavras em inglês e tâmil “Prometo não aceitar nem pagar propinas” tem resultado em um atendimento rápido e até mesmo em pedidos de desculpas dos funcionários que as recebem.

Por exemplo, quando uma senhora de idade que precisava de uma cópia da escritura de suas terras para enviar a neta para a faculdade entregou ao funcionário do Departamento da Receita Federal uma nota de zero rupia em vez da propina solicitada, o funcionário não só concedeu a escritura imediatamente, mas ofereceu a ela sua cadeira e lhe trouxe uma xícara de chá!

A campanha Zero Rupia tem sido tão bem-sucedida que, em 2008, a ONG Quinto Pilar lançou o site ZeroCurrency.org, no qual qualquer pessoa pode fazer o download de notas de valor zero de 196 países.

ALIANÇA FAIR PLAY Eslováquia

Apelidada de órgão de fiscalização mais procurado da Eslováquia, a Aliança Fair Play introduziu um grau de transparência nas normalmente obscuras finanças públicas do país.

Zuzana Wienk, da Aliança Fair Play, e companheiros ativistas criaram o site de fiscalização em resposta ao escândalo nacional relativo aos recursos concedidos pela União Europeia à Eslováquia após sua entrada na UE em 2004. “Usando as leis de Liberdade de Informação, começamos a solicitar cada vez mais dados sobre empresas e ministros, pedindo também faturas e outros dados”, disse Zuzana Wienk. Seu aplicativo de software “Politikaopen” é a única ferramenta pública de divulgação de bens disponível on-line na Eslováquia, com dados de vários políticos de alto escalão, inclusive da primeira-ministra e do presidente do Parlamento.

Página anterior: Com o objetivo de evitar as longas filas para serviços essenciais, muitos na Índia recorrem ao suborno. O projeto Zero Rupia espera erradicar tais práticas

Ao voltar para casa após abrir sua empresa de tecnologia nos EUA, Vijay Anand ficou assustado com a corrupção em seu estado natal Tamil Nadu, na Índia. Não desejando continuar a prática comum de subornar funcionários públicos para executar serviços de rotina supostamente gratuitos, Anand criou uma ONG chamada de 5th Pillar (Quinto Pilar), com a finalidade de dar poder aos cidadãos para desafiar e eliminar a corrupção. Usando software

Adam Crowe/Creative Commons



A ferramenta de divulgação financeira *Politikaopen*, da Aliança Fair Play, rastreia os bens pessoais de lideranças da Eslováquia, inclusive da primeira-ministra Iveta Radicova

© Manuel Balce Ceneta/AP Images

República Tcheca para a criação de um órgão de fiscalização eletrônico semelhante e tem capacitado grupos da sociedade civil em vários países, como Ucrânia, Montenegro, Sérvia, Lituânia, Iraque e Bulgária.

Este ano a Embaixada dos EUA na Eslováquia fez uma doação à Aliança Fair Play para o projeto “Como Manter a Política Responsável”, que tem como objetivo a organização de campanhas de conscientização públicas sobre fraudes em compras governamentais na Eslováquia.



Os jornalistas do ProPublica usam aplicativos digitais como esse aplicativo gratuito do iPhone para ampliar suas notícias e atingir um público maior

instituições, usando a força moral do jornalismo investigativo”. Liderado por ex-editores de publicações de prestígio como *The Wall Street Journal* e *The New York Times*, o ProPublica vem acumulando prêmios, inclusive dois prêmios Pulitzer, por seu jornalismo investigativo, desde o início de suas atividades em 2008.

O ProPublica emprega as mais recentes tecnologias digitais e plataformas de mídia social para divulgar suas reportagens. Disponibiliza a maioria dos seus artigos on-line para reimpressão desde que o material seja corretamente atribuído, não seja alterado nem vendido para fins lucrativos. Também oferece acesso a seus artigos por meio de Facebook e Twitter, podcasts e um aplicativo gratuito para iPhone.

Muitas matérias são ampliadas por meio de “aplicativos de notícias” repletos de dados que dividem as informações mais relevantes em componentes mais fáceis de serem entendidos. Um desses aplicativos, conhecido como “The Opportunity Gap” (“Brecha de Oportunidade”), fornece dados do Escritório de Direitos Cívicos do Departamento de Educação dos EUA que permitem aos usuários descobrir se o seu estado promove igualdade de acesso dos estudantes aos cursos avançados.

O ProPublica tem como objetivo não somente chamar atenção para os malfeitos contra a população, mas também consertá-los. “Na melhor tradição do jornalismo americano a serviço do público, procuramos estimular uma mudança positiva.” ■

“Com as tecnologias digitais na palma das mãos, pessoas antes sem voz têm poder para ampliar a diversidade de ideias disponíveis.”

—Douglas Rushkoff

ESTUDOS

Mídia Mobiliza os Marginalizados

A sociedade civil usa a tecnologia para mudar vidas e melhorar comunidades na África, na Ásia e nas Américas.

DE CASO

HARASSMAP Egito



© Amr NabilVAP Images

O HarassMap usa o aplicativo de mapeamento on-line Ushahidi para coletar e acompanhar relatórios anônimos de assédio de mulheres em um mapa on-line

O assédio sexual é um delito extremamente difícil de confrontar. Não apenas suas vítimas frequentemente relutam em relatá-los por medo de que as culpem, como os infratores quase sempre não reconhecem seu comportamento como sendo criminoso. “Se você é assediada por ser mulher, imagina-se que seja sua culpa”, disse no Cairo Rebecca Chiao em entrevista recente para o jornal *Toronto Star*. Para combater esse fenômeno, Rebecca, nascida na Pensilvânia, recentemente ajudou a fundar um projeto inovador, combinando mídia social, tecnologia digital e voluntários locais para combater o assédio sexual no Cairo.

Chamado HarassMap, o projeto usa a plataforma de mapeamento on-line Ushahidi para receber relatos de assédio por telefone, mensagens de texto, *tweets* e postagens na

internet que são, em seguida, mapeados em um site de acordo com o delito relatado. As categorias variam de olhar provocativo e comentários inapropriados até perseguição, agressão sexual e estupro.

Para as mulheres que denunciam são dadas informações sobre como fazer boletins de ocorrência, buscar tratamento psicológico e receber treinamento de autodefesa. Donos de empresas em áreas com altos índices de assédio também são consultados por voluntários sobre como proteger as mulheres em seu bairro.

Lançada poucas semanas antes do início dos protestos no Cairo em janeiro de 2011, a força de voluntários do HarassMap uniu-se à multidão na Praça Tahrir e recrutou novos membros, com o resultado de que agora metade dos seus voluntários são homens. Incentivada pelo sucesso do projeto, Rebecca espera expandir o HarassMap para dez outros países este ano.

PROJETO MASILULEKE África do Sul



Gustav Praekelt/PopTèch

O fundador do projeto Masiluleke, Zinhe “Zinny” Thabethe, segura um telefone celular mostrando um dos alertas por mensagem de texto da organização

A África do Sul tem o mais alto índice de portadores de HIV do mundo. Em algumas províncias, como KwaZulu-Natal, o índice de infecção chega a 40%. Somente 10% da população infectada está recebendo tratamento antirretroviral (ARV) e, desses 10%, mais de 40% interromperá o tratamento dois anos depois de iniciado. Felizmente, há uma estatística que dá esperança: quase 90% dos sul-africanos têm acesso a um dispositivo móvel.

Em zulu, “masiluleke” significa “dar ajuda”, e é isso precisamente o que os criadores do Projeto Masiluleke pretendiam fazer quando iniciaram um programa para combater a epidemia de HIV/Aids na África do Sul usando telefones celulares. Chamado de “Projeto M”, o programa tenta combater o estigma do HIV na África do Sul por meio do anonimato dos telefones celulares.

Página anterior: Duas participantes do Carro Cibernético da Amizade afixam suas habilidades de fazer relatos digitais no Quirguistão

Em sua primeira fase, o Projeto M enviou 1 milhão de mensagens de texto por dia, incentivando os destinatários a fazer exames e ser tratados. As mensagens incluem o número do Disque-Aids nacional e usam um serviço muito popular na África do Sul, chamado de mensagens de “Por favor, me ligue” pedindo aos destinatários que liguem de volta para o remetente.

Em seguida, o grupo criou kits de autoexame de baixo custo e apropriados para o local e incentivou seu uso anunciando sua disponibilidade e explicando como usá-los, além de oferecer informações sobre como buscar tratamento ou evitar infecções por meio de correio de voz e SMS (serviço de mensagens curtas).

O projeto M enviou uma média de 1 milhão de mensagens por dia desde seu lançamento em 2008, triplicou o índice de ligações para o Disque-Aids nacional e recentemente ultrapassou a marca de 1 bilhão em retorno de ligações. Os organizadores estão se preparando atualmente para implementar um recurso adicional que lembrará os pacientes por meio de mensagem de texto para tomar sua medicação e não faltar às consultas.

CARRO CIBERNÉTICO DA AMIZADE República do Quirguistão



Foto: cortesia Internews

O projeto Carro Cibernético ensinou a jovens do Quirguistão habilidades de comunicação e ativismo, inclusive como usar a tecnologia digital para relatar questões importantes para eles

Embora jovens entre 14 e 35 anos sejam 48% da população do Quirguistão, muitos deles se sentem sub-representados e privados de seus direitos pela sua sociedade e foram por vezes apanhados em atos de violência, como nos protestos revolucionários e lutas étnicas na primavera de 2010. Para fortalecer a voz da juventude do Quirguistão, a Rede Internews lançou em julho de 2010 em todo o país uma série de sete seminários de uma semana, com o objetivo de capacitar 123 jovens ativistas em várias habilidades de mídia, como comunicação nas novas mídias, produção de vídeo e projeto de sites.

Com recursos da Embaixada dos EUA no Quirguistão, o programa da Internews ajudou os jovens participantes a lançar seu próprio site, gravar imagens de

vídeo de eventos locais importantes com dispositivos portáteis e organizar campanhas sociais para questões como combate à violência doméstica, combate à corrupção e apoio a crianças órfãs.

Em maio de 2011, 18 dos participantes mais ativos do programa reuniram-se em uma viagem de dez dias ao redor do Lago Issyk-Kul, de Bishkek a Karakol, para gravar e produzir segmentos de vídeo sobre questões importantes que testemunharam ao longo do caminho. Viajando em um ônibus chamado “Carro Cibernético da Amizade”, os participantes também se reuniram com jovens de ONGs nas cidades pelas quais passaram para mostrar seus vídeos e comparar suas experiências como jovens de diferentes regiões do país. A cada parada, os participantes e jovens ativistas locais abordaram questões importantes, como desemprego, reconciliação étnica e divisão regional do país.

Embora todos os participantes tenham desde então voltado para casa, mantêm contato via Twitter e em uma página da comunidade “Carro Cibernético da Amizade” no Facebook.

PROJETO ACCESO Tec América Central e do Sul



Membros da organização de direitos humanos Mães da Praça de Maio ouvem o veredito sobre clérigo preso por cumplicidade em assassinato, tortura e sequestros durante a ditadura militar de 1976 a 1983 na Argentina

Muitos sistemas jurídicos da América Latina não têm acesso a tecnologia de ponta. Uma faculdade de Direito dos EUA localizada a poucos quilômetros ao norte da fronteira EUA-México espera mudar isso.

Desde 1998, a Faculdade de Direito do Oeste da Califórnia, em San Diego, na Califórnia, dirige o Projeto ACCESO, um programa de capacitação e educação pública sobre Estado de Direito. O projeto chamado ACCESO, abreviatura em espanhol de “Advogados Criativos Colaborando para Encontrar Soluções Ótimas”, capacita milhares de

profissionais de Direito nas Américas — desde juízes e defensores públicos até advogados particulares e agentes de aplicação da lei — com a meta de reforçar o Estado de Direito na região.

“Estamos trazendo sistemas jurídicos da obscuridade para a luz, mudando séculos de comportamentos corruptos, nebulosos e inerentemente injustos, além de outros procedimentos”, diz o diretor do Projeto ACCESO, James Cooper, que acredita que tecnologias modernas podem tornar o sistema jurídico nas Américas mais transparente, responsável e acessível a todos.

O uso da tecnologia para servir melhor à Justiça está no âmago do programa. O ACCESO Tec, o ramo tecnológico do programa, tem por finalidade melhorar o acesso à Justiça para todos, mediante o planejamento e a distribuição de tecnologias jurídicas de ponta. Entre os exemplos estão um cartório digital de processos, um sistema de gestão de jurisprudência e um dispositivo portátil de informações jurídicas. O ACCESO Tec capacita autoridades encarregadas



Foto: cortesia James Cooper

da execução das leis da América Latina a usarem computação forense para investigar espionagem corporativa e casos de corrupção e buscar materiais pirateados. Também ensina profissionais de Direito a usar provas de DNA para liberar pessoas injustamente acusadas e prender as culpadas. ■

Em 2002, voluntários do Projeto ACCESO Tec viajaram de trem de La Paz, na Bolívia, para Arica, no Chile, oferecendo workshops de capacitação a estudantes de Direito, promotores, juízes e advogados

Recursos Adicionais

Livros, artigos e sites sobre sociedade civil e novas mídias



Estudante da Universidade de Helwan olha para seu telefone celular enquanto pinta o logo da Al Jazeera em mural comemorando as manifestações no Cairo no segundo trimestre de 2011

© Manoocher Deghati/AP Images

LIVROS E RELATÓRIOS

Farivar, Cyrus. *The Internet of Elsewhere [A Internet de Outros Lugares]*. New Brunswick: Rutgers UP, 2011.

Fine, Robert, org. *The Big Book of Social Media: Case Studies, Stories, Perspectives [O Grande Livro da Mídia Social: Estudos de Caso, Histórias, Perspectivas]*. Tulsa: Yorkshire Publishing, 2010.

Gillmor, Dan. *Mediactive*. São Francisco: Creative Commons, 2010.
<http://mediactive.com/>

Holtz, Shel. *Tactical Transparency: How Leaders Can Leverage Social Media to Maximize Value and Build their Brand [Transparência Tática: Como Líderes Podem Alavancar a Mídia Social para Maximizar Valor e Construir sua Marca]*. São Francisco: Jossey-Bass, 2009.

Howard, Philip N. “The Role of Digital Media” [“O Papel da Mídia Digital”]. *Journal of Democracy*, vol. 22, no. 3 (julho de 2011), p. 35, 14 páginas.

Jenkins, Henry. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide [Cultura de Convergência: Onde a Antiga e a Nova Mídia Colidem]*. Nova York: NYU Press, 2008.

Morozov, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom [A Ilusão da Internet: O Lado Oscuro da Liberdade da Internet]*. Filadélfia: Perseus Books Group, 2010.

Rushkoff, Douglas. *Program or Be Programmed: 10 Commandments for the Digital Age [Programado ou Seja Programado: Dez Mandamentos da Era Digital]*. Nova York: OR Books, 2010.

Shirky, Clay. *A Cultura da Participação: Criatividade e Generosidade no Mundo Conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Shirky, Clay. *Eles Vêm Aí – O poder de Organizar sem Organizações*. Lisboa: Actual Editora, 2010.

Shirky, Clay. “The Political Power of Social Media: Technology, the Public Sphere, and Political Change” [“O Poder Político das Mídias Sociais: Tecnologia, a Esfera Pública e Mudanças Políticas”]. *Current*, vol. 552 (maio de 2011), p. 17.

Sonvilla-Weiss, Stefan, org. *Mashup Cultures [Culturas de Mashup]*. Vienna: Springer Verlag, 2010.

Sunstein, Cass R. *Going to Extremes: How Like Minds Unite and Divide [Indo a Extremos: Como Mentres Parecidas Unem e Dividem]*. Nova York: Oxford UP, 2009.

Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other* [Sozinhos Juntos: Por Que Esperamos Mais da Tecnologia e Menos Uns dos Outros]. Nova York: Basic Books, 2011.

Zandt, Deanna. *Share This!: How You Will Change the World with Social Networking* [Compartilhe Isso: Como Mudar o Mundo com as Redes Sociais]. São Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2010.

SITES

Centro Berkman de Internet e Sociedade

<http://cyber.law.harvard.edu/>

Centro Berkman de Internet e Sociedade. Jovens e Mídia

<http://cyber.law.harvard.edu/research/youthandmedia>

Centro de Informação e Pesquisa sobre Aprendizado e Engajamento Cívico (Circle)

<http://www.civicyouth.org/>

CrisisCommons

A CrisisCommons procura promover e apoiar o uso de dados abertos e de comunidades voluntárias de tecnologia para catalisar a inovação na gestão de crises e no desenvolvimento global.

<http://crisiscommons.org/>

Digital Media Mash Up

O Digital Media Mash Up é boletim informativo semanal voltado para eventos, notícias e pesquisas sobre mídia digital no mundo todo.

<http://cima.ned.org/tools-and-resources/digital-media-mash>

Tactical Technology Collective

A Tactical Tech é uma organização não governamental internacional que trabalha em estreita colaboração com parceiros, em geral grupos de direitos humanos e ONGs voltadas para assuntos locais, para a mudança social e o potencial da tecnologia e de processos de informação eficazes contribuir com as mudanças.

<http://www.tacticaltech.org>

ORGANIZAÇÕES

Gestão de desastres naturais

Room Donor.jp

Informações centralizadas sobre desastres incluindo ofertas e solicitações de acomodações para evacuados e deslocados pelos eventos em Tohoku, Japão.

<http://roomdonor.jp/>

Télécoms Sans Frontières

A Telecomunicações Sem Fronteiras oferece telefones para pessoas em áreas atingidas por desastres naturais, conflitos ou fome.

<http://www.tsfi.org/>

Ushahidi

A Ushahidi é uma empresa de tecnologia sem fins lucrativos especializada no desenvolvimento de softwares livres e de código aberto para coleta de informações, visualização e mapeamento interativo.

<http://www.ushahidi.com/>

Combate à corrupção

Aliança Fair Play

A Aliança Fair Play é uma ONG com sede na Eslováquia que monitora as finanças dos partidos políticos do país e promove a transparência no financiamento e nas compras dos partidos políticos.

http://www.fair-play.sk/index_en.php

ProPublica

O ProPublica é um escritório independente e sem fins lucrativos que produz jornalismo investigativo de interesse público.

<http://www.propublica.org/>

Nota de Zero Rupia

Essa ONG trabalha para incentivar, capacitar e dar poder aos cidadãos da Índia com o objetivo de eliminar a corrupção em todos os níveis da sociedade.

http://india.5thpillar.org/front_page

Poder às pessoas

HarassMap

O HarassMap, uma maneira com múltiplas fontes para monitorar e proteger as mulheres no Cairo, permite que as egípcias se posicionem contra o assédio e o abuso sexual.

<http://harassmap.org/>

Projeto Masiluleke

O Projeto Masiluleke utiliza dispositivos móveis para a prestação de informações de saúde pública que chegam a mais de 1 milhão de sul-africanos todos os dias, contribuindo para conectá-los com o atendimento.

http://poptech.org/project_m

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em outubro de 2011.

Com o Que Você se Importa?

Conte à *eJournal USA* que causa mais interessa a você!



Escaneie com seu telefone celular para ir para <http://causemap.crowdmap.com/reports/submit>.

1. Registre sua causa!

Envie seu relato para <http://causemap.crowdmap.com/reports/submit>.



TÍTULO DO RELATO: Dê um nome para a causa que mais te interessa.

DESCRIÇÃO: Conte mais sobre a sua causa e por que você se interessa por ela.

CATEGORIA: Selecione a categoria da sua causa.

LOCALIZAÇÃO: No mapa, clique de onde você está escrevendo OU digite o nome da sua cidade e país no campo abaixo do mapa, depois clique no sinalizador vermelho no mapa para confirmar sua localização.

Clique em “Submit”.

2. Quem se importa com a sua causa?

Encontre pessoas com interesses similares em <http://causemap.crowdmap.com/>

Clique nas categorias para encontrar outras pessoas que se interessam pela sua causa.

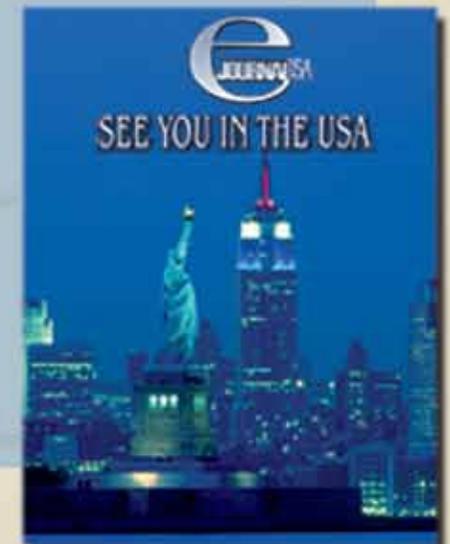
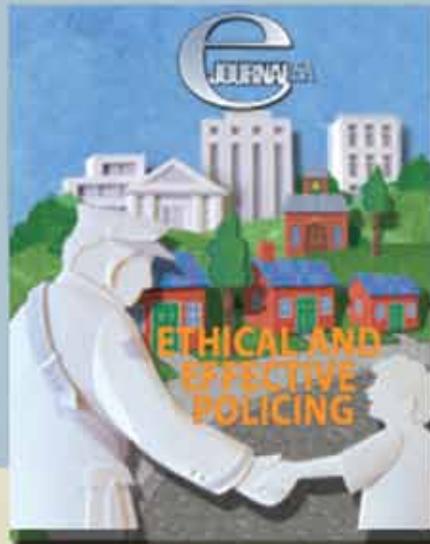
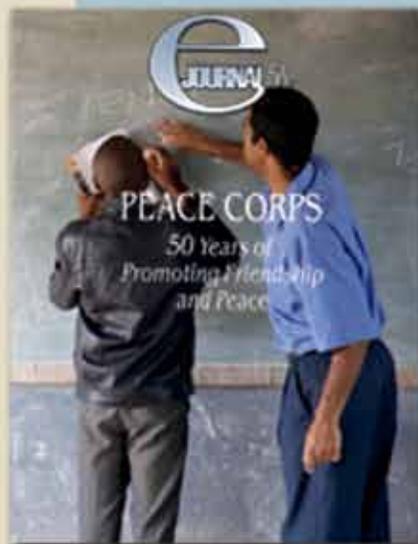
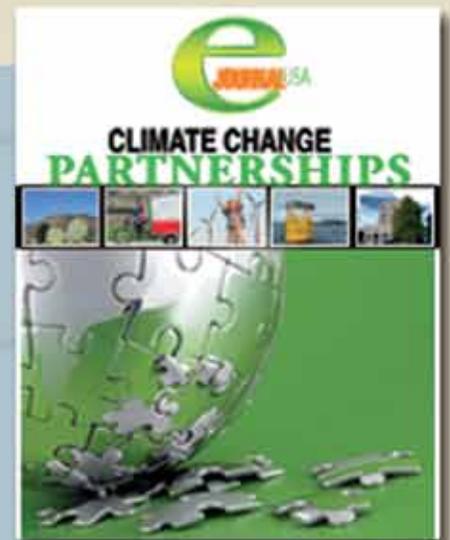
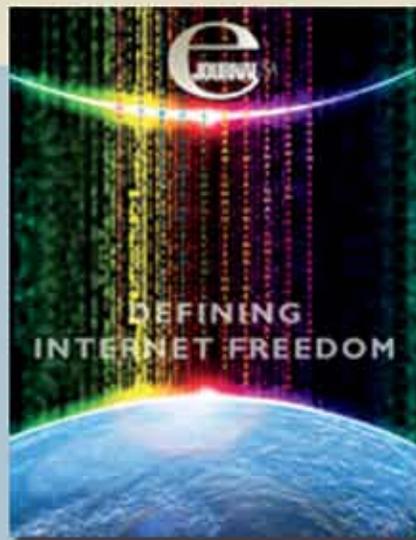
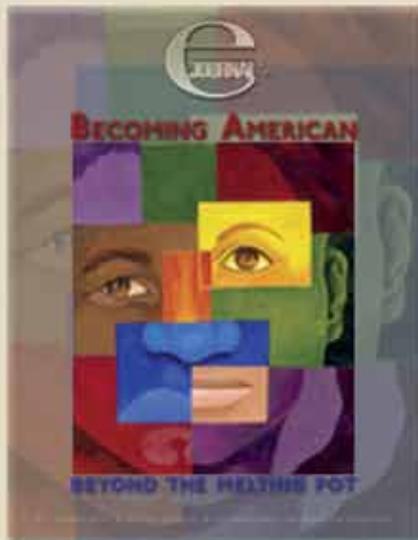
Use a barra de navegação do lado esquerdo do mapa para ampliar as áreas desejadas.





JUNTE-SE A NÓS NO
facebook

facebook.com/eJournalUSA



Монгол English 中文 Français Português 한국어 Українська 日本語
Türkçe Tiếng Việt Pashto Urdu ىسراف يبرع Русский Español



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS